

OS AFETOS NA PESQUISA: ÉTICA, ESCUTA ATIVA E ATRAVESSAMENTOS DOS PESQUISADORES EM BRUMADINHO

**Melina Alves Gomes, Alex José de Almeida,
Armindo dos Santos de Sousa Teodósio**

Resumo

O artigo configura-se como um relato de experiência ou uma contribuição vivencial de três pesquisadores e extensionistas que atuam junto a comunidades indígenas, quilombolas e ribeirinhas no município de Brumadinho, Minas Gerais, no contexto do desastre derivado de crime corporativo acontecido em 2019. Trata-se de uma expressão da construção da subjetividade desses pesquisadores, assumindo que as emoções e afetos são centrais na construção de uma pesquisa-ação orientada para a pesquisa engajada, comprometida eticamente com o não extrativismo de dados e com o apoio ao protagonismo, à autonomia e à centralidade dos atores locais implicados nos atravessamentos históricos da indústria extrativista mineral no município. Este relato é importante para difundir concepções sobre a pesquisa e a extensão, nas quais a chamada “razão sentir-pensante” estrutura as ações, superando dicotomias historicamente construídas por um modo de operação tradicional e colonial de exercício da pesquisa e práticas assistencialistas e tecnicistas na extensão universitária.

Palavras-chave

afetos; pesquisa engajada; saúde mental; desastres; conflitos ambientais.

Abstract This article is an account of experience or a lived contribution from three researchers who work with indigenous, quilombola, and riverside communities in the municipality of Brumadinho, Minas Gerais, in the context of the disaster resulting from corporate crime that occurred in 2019. It is an expression of the construction of the subjectivity of these researchers, assuming that emotions and affections are central to the construction of Action Research oriented towards Engaged Research, in which ethical commitments to the non-extractive use of data and support for the protagonism, autonomy, and centrality of local actors involved in the historical intersections of the mineral extractive industry in the municipality are paramount. This report is important for disseminating conceptions about Research and University-Communities Projects in which the so-called Feeling-Thinking Reason structures actions, overcoming dichotomies historically constructed by a traditional and colonial mode of operation in the exercise of Research and by assistance-oriented and technocratic practices in University-Community Projects.

Keywords affects; engaged research; mental health; disasters; environmental conflicts.

INTRODUÇÃO

O contexto contemporâneo tem trazido novos desafios epistemológicos, teóricos e metodológicos para a pesquisa realizada dentro do campo da gestão social. Uma dessas realidades diz respeito à ocorrência de desastres, infelizmente cada vez mais frequentes na realidade brasileira e internacional. Relacionados às mudanças climáticas, esses desastres não se resumem a intempéries e calamidades inevitáveis, mas sim a um modo de reprodução da vida econômica, social, política, cultural e de interação dos seres humanos com a natureza. Desastres são momentos nos quais uma série de injustiças e desigualdades assumem a forma de tragédias, desvelando o racismo ambiental.

No contexto brasileiro, a recorrência de tragédias derivadas de crimes corporativos no setor mineral convida pesquisadores e extensionistas que atuam a partir do campo da gestão social a avançarem para além de práticas tradicionais do fazer científico e extensionista, no sentido de trabalhar de forma engajada pelo protagonismo, autonomia e centralidade dos atores locais. Essa centralidade é essencial para que possam ser alcançados avanços na mitigação de violências sistêmicas e aprofundamento de vulnerabilidades de atores que historicamente sofrem com o epistemicídio de um modelo de desenvolvimento econômico pautado no extrativismo e no colonialismo.

Diante dessa realidade, surge um contexto complexo de construção de subjetividades a partir do encontro e dos desencontros entre pesquisadores-extensionistas e populações atravessadas pelo extrativismo mineral em seus territórios. Longe de ser uma relação

linear e simples, essa construção de subjetividades e racionalidades no seio da pesquisa e da extensão convida os acadêmicos do campo da gestão social a repensarem suas práticas em direção ao não-extratativismo de dados, ao reconhecimento dos afetos através da razão sentir-pensante e à ética do cuidado.

O presente relato articula a vivência de três pesquisadores e extensionistas do programa de extensão Saberes e InovAções pela Sustentabilidade (Sabiás) do Núcleo de Pesquisas em Ética e Gestão Social (Nupegs) do Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA) e da Pro-Reitoria de Extensão (Proex) da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas). Um dos pesquisadores desenvolveu seu doutoramento, estudando a governança da reparação; outra pesquisadora desenvolve sua dissertação de mestrado e desenvolveu seu Trabalho de Conclusão De Curso (TCC) problematizando os traumas vivenciados nesse contexto; o terceiro pesquisador atua como coordenador do Sabiás e líder do Nupegs, orientando o trabalho dos dois colegas extensionistas.

DESASTRE, CRIME CORPORATIVO, TRAGÉDIA E A DEMANDA POR CONHECIMENTO ÉTICO

O rompimento da barragem de rejeitos na mina do Córrego do Feijão da corporação Vale S.A., em Brumadinho (MG), ocorrido em 2019, é classificado como a maior tragédia no ambiente de trabalho na história do Brasil e uma das maiores tragédias ambientais da mineração no país. Embora a estrutura de acumulação de rejeitos, construída em 1976, com 86 metros de altura e armazenando 11,7 milhões de metros cúbicos de rejeitos, fosse classificada como de “baixo risco”, seu colapso ceifou a vida de 272 pessoas.

Os danos extrapolaram o município de Brumadinho, visto que a lama contaminou mais de 300 quilômetros do rio Paraopeba, afetando 26 cidades e consolidando-se como o quarto maior desastre ambiental do mundo. Dada a proporção da destruição, a negligência envolvida e a fragilidade dos mecanismos de fiscalização e estratégias de reparação, o evento pode ser compreendido como um desastre derivado de crime corporativo. Seus impactos foram profundos e prolongados, atingindo o modo de vida, a saúde física e, sobretudo, a saúde mental das pessoas nesses territórios.

Logo após a ruptura da barragem de resíduos, a cidade de Brumadinho observa a presença e atuação de inúmeras organizações governamentais do Executivo, Legislativo e Judiciário, nos três níveis de governo (municipal, estadual e federal), organizações privadas, contratadas pela Vale S.A. para atuação no território, universidades e grupos de pesquisa, movimentos sociais e ambientais e organizações da sociedade civil brasileiras e internacionais. Isso altera a dinâmica das relações cotidianas no território, trazendo também impactos não apenas positivos, mas outros riscos de ampliação da violação de direitos.

Diante da complexidade dessa destruição e violação de direitos, emerge a necessidade de uma produção de conhecimento científico e de práticas extensionistas que se alinhem aos princípios da justiça social, da cidadania e da sustentabilidade, baseados na construção de relações entre atores fundadas na empatia, na alteridade, no cuidado, na escuta ativa e no

não extrativismo de dados; uma relação entre atores acadêmicos e as comunidades locais orientada para o protagonismo, autonomia e centralidade desses atores locais na sua luta por direitos e pela regeneração do território. Além disso, uma relação que reconheça diferentes saberes (acadêmicos, científicos, técnicos, populares, ancestrais, tradicionais etc.), na qual nada sobre os atores locais seja produzido sem a presença deles a partir de interações mais radicalmente democráticas e participativas.

GOVERNANÇA DA REPARAÇÃO EM ANÁLISE

A pesquisa de doutoramento em Administração de Alex José de Almeida, graduado em Ciências Biológicas e Administração, mestre em Ciências Biológicas e profissional que atua em consultorias de trabalhar com relatórios de impacto ambiental, inclusive com muitos clientes do setor extrativo mineral brasileiro e internacional, propôs-se a investigar os desafios do modelo de governança construído para a chamada reparação territorial em Brumadinho. O objetivo central era reduzir a lacuna existente entre os estudos que analisam a governança de territórios com mineração e as investigações que avaliam a reparação no contexto dos pós rompimento

O estudo, de natureza qualitativa, mas que contou também com recursos da pesquisa quantitativa, se insere no campo da pesquisa-ação e da chamada pesquisa engajada. Essa escolha metodológica buscou uma prática engajada e não extrativista de dados, conectando os atores locais como autores do estudo e promovendo uma relação de confiança e de longo prazo com a comunidade. Tal postura alinha-se à proposta de uma ciência que transita ‘da apatia à empatia’, reconhecendo as marcas indeléveis deixadas pelo desastre nos pesquisadores e nos territórios (TEODÓSIO, 2022).”

SUPERAÇÃO DO EXTRATIVISMO ACADÊMICO

Uma crítica recorrente dos atores locais em Brumadinho é o chamado “extrativismo acadêmico” ou “extrativismo epistêmico”. Desde o rompimento de 2019, os atingidos sentem-se bombardeados por convites para participar de diversas investigações, mas alegam que, na maioria dos casos, não recebem qualquer retorno ou enxergam a contribuição efetiva dessas pesquisas para a reparação dos impactos.

Para ajudar a construir uma outra realidade com os atores locais, a pesquisa de Alex Almeida visou romper com os modelos clássicos de distanciamento e neutralidade científica, priorizando a presença sensível, o diálogo e a construção coletiva do conhecimento. A coleta de dados utilizou os Círculos de Ação e Reflexão (CARs) e entrevistas semiestruturadas, envolvendo lideranças e cidadãos locais. Durante os CARs, pesquisadores e atores locais compartilharam saberes, relatos de sofrimento e construção de saberes, buscando coletivamente estratégias de enfrentamento às múltiplas formas de sofrimento, violações de direitos e injustiça que percebem e vivenciam no cotidiano de suas vidas em Brumadinho.

A escuta ativa adotada tornou-se, assim, uma postura ética e política, reconhecendo a centralidade dos atores locais e a legitimidade de seus sentimentos, memórias e narrativas. O trabalho resultou na tese e também na geração de um documento de memórias, assinado pela equipe e pelos participantes, que pode ser usado em atividades de apoio e como instrumento de lutas dos atores locais contra a violação de direitos.

GOVERNANÇA DESGOVERNADA EM BRUMADINHO

A análise dos dados, realizada à luz da literatura crítica, proporcionou uma reflexão sobre a governança da reparação seis anos após a ruptura. Os achados indicaram uma desconexão significativa entre as ações de reparação e as necessidades dos atores locais. Verificou-se uma complexa interação entre atores locais, o Estado, movimentos sociais e ambientais, Organizações da Sociedade Civil (OSCs) e a iniciativa privada, permeada por sentimentos de insatisfação, desconfiança e descontentamento. Esse cenário evidencia que, embora existam protocolos teóricos para a prevenção e gestão de riscos (TOMINAGA; SANTORO; AMARAL, 2015), a prática da reparação em Brumadinho ainda falha em aplicá-los de forma democrática.”

Um dos principais pontos levantados diz respeito à centralidade da corporação responsável pelo desastre e tragédia-crime: a principal responsável manteve um papel central no processo, frequentemente associado a práticas de controle e decisões unilaterais sem considerar efetivamente a opinião e os desejos dos atores locais. A crítica local é que o processo prioriza a imagem corporativa em detrimento das reais demandas urgentes das populações afetadas.

Também foi perceptível a fragmentação do Estado, criticado por sua atuação desarticulada e politizada, marcada pela falta de planejamento e integração entre diferentes organizações de governo. O acordo de reparação foi percebido como instrumentalizado para atender a interesses políticos.

Além disso, os atores locais denunciam que há uma participação limitada: embora existam espaços de participação, estes foram percebidos como simbólicos e ineficazes, limitados à validação de decisões já tomadas. A pesquisa apontou que a falta de acesso à internet e o desconhecimento do sistema de votação limitaram o engajamento popular nas decisões sobre os projetos.

Por fim, as ações de reparação geraram novos problemas, como o aumento populacional não planejado, sobrecarga nos serviços públicos, aumento do tráfego e foco em obras de infraestrutura, que foram consideradas insuficientes para atender às necessidades sociais e estruturais. Infelizmente, esse cenário de ampliação da violação de direitos, mesmo depois das ações a partir da chamada Governança para Regeneração do Território em Brumadinho, reproduz uma realidade similar a de outros contextos que são atravessados por desastres e crimes estatais-corporativos, como os de Mariana e das últimas chuvas no Rio Grande do Sul.

PROPOSTAS E CONTRIBUIÇÕES PARA AS LUTAS SOCIOAMBIENTAIS LOCAIS

Diante desses desafios, o estudo de Alex Almeida propôs a governança translocal e as tecnologias sociais como paradigmas alternativos para a gestão desses territórios. A governança translocal emerge como uma alternativa viável para fortalecer a autonomia local e promover uma reparação mais alinhada às demandas, enfatizando a colaboração, a autonomia local e a justiça social. As tecnologias sociais, por sua vez, podem criar soluções inovadoras e adaptadas, promovendo maior engajamento e protagonismo.

A tese contribuiu ao evidenciar que é fundamental adotar um modelo de governança mais inclusivo e descentralizado, no qual as comunidades locais não apenas validem, mas também influenciem ativamente as ações que afetam suas vidas.

ENVOLVIMENTO SUBJETIVO E SAÚDE MENTAL NA PESQUISA

O trabalho de campo de Alex Almeida, pautado na escuta profunda, revelou a intensidade do sofrimento psíquico nas falas dos entrevistados: marcas de perda, luto, insegurança, indignação e frustração com os processos de reparação. Essa dimensão evidencia que o afeto, compreende tudo aquilo que possui a capacidade de nos afetar seja um relato, um encontro ou uma imagem, alterando nossa potência de vida e exigindo um novo olhar sobre a neutralidade científica (DELEUZE, 2002).

Essa dimensão afetiva desafia as abordagens tradicionais de pesquisa, infelizmente ainda muito comuns e recorrentes em diversos campos de conhecimento, mesmo quando trabalham a partir de abordagens da gestão social. Essa visão tradicional prima pela separação entre sujeito investigador e sujeitos investigados no campo de pesquisa, muitas vezes chamados de objetos de pesquisa, pela busca do isolamento e eliminação de toda e qualquer emoção na construção do conhecimento científico e na capacidade hegemônica dos pesquisadores em entender, explicar e propor ações para os demais atores implicados na vida cotidiana nos territórios.

Para lidar com essa alta carga emocional, Alex contou com a presença de Melina Alves Gomes, estudante de Psicologia, pesquisadora do Nupegs e extensionista do programa Sabiás. A participação de Melina foi muito importante, pois ela não atuou apenas como suporte, mas como observadora dos vínculos, afetos e emoções mobilizados. No retorno de Brumadinho para Belo Horizonte, percurso que em média dura 01h30 em veículo particular, o tempo era dedicado para que a equipe de pesquisa verbalizasse suas impressões e angústias após a escuta ativa realizada.

Essa vivência levou Melina a dedicar sua monografia de graduação em Psicologia a teorizar os impactos na saúde mental dos próprios pesquisadores expostos a relatos traumáticos.

TRAUMA VICÁRIO

Melina percebeu que, durante os CARs, os pesquisadores estavam vulneráveis a um tipo específico de sofrimento. Embora tenha revisado os conceitos de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), que surge após vivenciar ou testemunhar um evento traumático com sintomas rápidos, e Trauma Secundário (TS), que é semelhante ao TEPT, mas decorrente da alta exposição ao conteúdo traumático de outros em contextos de trabalho, a experiência de campo apontou para outro fenômeno.

A pesquisadora aprofundou-se no conceito de Trauma Vicário (TV), que se manifesta de forma lenta e gradual, diferentemente dos demais. O objetivo de seu estudo foi inserir o TV no contexto dos estudos específicos para traumas em situações de desastre e pesquisa acadêmica.

O TV refere-se às mudanças negativas nas crenças fundamentais do profissional sobre si mesmo e o mundo, decorrentes da exposição repetitiva a narrativas traumáticas ao se envolver empaticamente com os sobreviventes. O termo, cunhado por McCann e Pearlman (1990), revela que as consequências adversas para os profissionais envolvem transformações em pensamentos, emoções, memórias e percepções. A própria etimologia da palavra, que tem origem no latim *vicarius*, significa “substituto” ou “o que está em lugar de outro”.

Melina observou que os pesquisadores demonstravam sintomas de angústia e sofrimento que se enquadravam nas características do trauma. A escuta de relatos detalhados sobre a perda de familiares, os rituais fúnebres e o colapso do município mobilizaram subjetivamente a equipe. Os sintomas do TV em nível cognitivo envolveriam alterações negativas no sistema de crenças (confiança, estima e poder), enquanto na esfera emocional surgiriam sofrimento psicológico, humor depressivo e pensamentos intrusivos. Melina reconheceu que a descrição de um evento traumático por terceiros pode ser traumatizante para o ouvinte também.

PSICODINÂMICA DO TRABALHO E ÉTICA DO CUIDADO

A pesquisa de Melina também se apoiou no referencial da psicodinâmica do trabalho de Dejours, Abdoucheli e Jayet (1994), que consideram o trabalho de pesquisa como uma função de trabalho que pode ser palco de luta contra o sofrimento. Em cenários de desastre, esse sofrimento se intensifica pela sensação de impotência diante da dor alheia e pela ausência de espaços acadêmicos de acolhimento. De grande importância, a da mobilização subjetiva se faz presente na pesquisa, uma vez que o trabalhador pesquisador emprega seus recursos psicológicos (sentir, pensar e criar). No contexto da pesquisa em Brumadinho, transformar o sofrimento em conhecimento científico e ter o reconhecimento dos pares ao mesmo tempo em que constroem relações com os atores locais de confiança e empatia são caminhos possíveis para ressignificar a dor e manter o desejo de pesquisa vivo.

A partir dessa vivência, Melina propôs que a ética do cuidado deve se afirmar como um componente metodológico e político dentro da pesquisa. Isso pressupõe incluir nos protocolos de pesquisa em cenários de desastre estratégias para o cuidado da saúde mental de pesquisadores, como preparação prévia, espaços de escuta e acompanhamento clínico, valorizando os vínculos horizontais. O reconhecimento da vulnerabilidade dos pesquisadores é visto não como sinal de fraqueza, mas como maturidade ética e compromisso com a integridade das relações entre pesquisadores e desses com os atores locais.

SUBJETIVIDADES FERIDAS E SÍNTESE ÉTICA

O compromisso de Alex Almeida com a governança e a participação popular e a experiência de Melina com o TV convergem na continuidade da pesquisa. Melina iniciou em fevereiro de 2025 o mestrado em Administração, no eixo Pessoas, Sociedade e Trabalho. Seu novo projeto, intitulado “Subjetividades feridas”, busca integrar Psicologia e Administração, mantendo o compromisso de promover ações de caráter afetivo, crítico, ético e empático nas atividades de pesquisa, extensão, ensino e internacionalização do Nupegs e do Sabiás.

A hipótese central do mestrado é que a mineração em Brumadinho ultrapassa o aspecto econômico, ocupando espaços simbólicos, afetivos e identitários, evidenciando uma fusão entre identidade individual e cultura organizacional. O estudo visa investigar como o domínio da mineração reconfigura vínculos sociais e impacta os modos de sentir e existir, ampliando o olhar sobre o que significa atuar em cenários de dor coletiva e desastre derivado de crime estatal-corporativo.

Essa jornada de pesquisa é marcada por um dilema ético e pragmático, permeado compromisso social e os afetos desta pesquisa no contexto de Brumadinho Minha pesquisa não constituiu um posicionamento contrário à indústria, fato que seria uma hipocrisia em um país tão dependente de commodities em sua economia (ALMEIDA, 2025).

Alex, como consultor, reconhece a matriz global que demanda o aumento da produção de minerais críticos para a transição energética, assumindo a realidade de que a indústria minerária ainda é uma parte incontornável nos moldes atuais da economia brasileira. Seu foco é, portanto, buscar novas formas de gestão do território e de reparação que considerem as percepções locais, através da governança translocal. Ele busca um extrativismo que seja menos violento e mais justo em suas práticas, sem propor a negação da atividade econômica em si.

No entanto, a pesquisa de Melina demonstra o preço humano dessa busca pela justiça e pela participação. A metodologia engajada e a escuta ativa adotadas por Alex, essenciais para não incorrer no extrativismo epistêmico, mobilizaram a equipe de forma subjetiva, expondo-a ao TV. A tentativa de construir um modelo de reparação que rompa com o controle unilateral da corporação responsável pelo desastre e tragédia-crime e com a fragmentação do Estado exige que o pesquisador se implique na dor do outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da governança reconhece a ética também nas interações entre sujeitos acadêmicos e das comunidades na pesquisa. É preciso adotar uma ética do cuidado humano para o reconhecimento do TV. O compromisso de buscar a justiça social e a participação ativa dos atingidos em Brumadinho exige que a ciência se torne sensível aos seus próprios afetos e vulnerabilidades. A integração da Psicologia na Administração não é apenas um avanço interdisciplinar, mas uma condição de sustentabilidade para a própria pesquisa engajada, garantindo que o sofrimento alheio, embora inevitavelmente sentido, seja transformado em conhecimento construtivo e cuidado, ao invés de em adoecimento silencioso do pesquisador. A dependência de *commodities* no Brasil, ao exigir uma intervenção acadêmica que se proponha a reparação justa, impõe o ônus do sofrimento subjetivo, que precisa ser ativamente cuidado para que o conhecimento produzido seja, de fato, transformador e ético.

A jornada de pesquisa em Brumadinho, iniciada na Administração com foco na governança, evoluiu para um entendimento mais profundo e humano que considera o sofrimento como parte intrínseca do processo de conhecimento. É um compromisso ético de quem pesquisa, carregando a dor, a escuta e a esperança de compreender as subjetividades que a mineração tenta calar.

Conforme registrado nas atividades de campo, Almeida (2025) reflete sobre a realidade estrutural econômica do país, ponderando que sua investigação não se posiciona de forma antagonista à indústria extrativista. Para o pesquisador, tal postura seria uma “hipocrisia em um país tão dependente de *commodities*” (ALMEIDA, 2025). A partir de sua experiência como consultor, Almeida foca em propostas que reconfigurem as práticas das grandes corporações, buscando modelos de reparação que priorizem a percepção local e uma governança territorial participativa. O objetivo central é a transição para um extrativismo menos colonial e mais pautado pela justiça social.

Para realizar esse estudo de forma ética e evitar o “extrativismo acadêmico”, Alex adotou metodologias de pesquisa engajada, como a pesquisa-ação e os CARs, priorizando a escuta ativa. Essa postura metodológica engajada foi o ponto de intersecção que exigiu avanços no cuidado dos sujeitos investigadores e dos sujeitos das comunidades implicadas nessa pesquisa.

A análise de Melina Alves Gomes evidencia que a busca por essa governança responsável (o objetivo de Alex) não é um exercício técnico *per se*, mas uma experiência profundamente mobilizadora das várias formas de se construir conhecimento e afetos no campo de pesquisa e extensão, nos territórios atravessados pela mineração. Ao se envolverem empaticamente com os atores locais e escutarem os relatos de dor e sofrimento mental, os pesquisadores, mesmo indiretamente, são afetados emocionalmente pelo sofrimento das vítimas.

Melina teoriza esse impacto como TV, que se manifesta como mudanças negativas nas crenças fundamentais do pesquisador sobre o mundo e sobre si mesmo, desenvolvendo-se lentamente pela exposição repetitiva a narrativas traumáticas.

A conclusão, portanto, é que, embora a pesquisa de Alex reconheça a inevitabilidade econômica da mineração no Brasil, a tentativa de torná-la socialmente justa, através de uma escuta ativa e de uma relação de confiança de longo prazo com a comunidade local, exige um envolvimento subjetivo. Melina demonstra que a ética da não hipocrisia em termos econômicos deve ser acompanhada por uma ética do cuidado em termos humanos. O preço de romper com o distanciamento e a neutralidade científica é a exposição ao TV.

Dessa forma, a pesquisa em Brumadinho, ao buscar uma governança translocal e a participação popular, precisa integrar diferentes campos de conhecimento, com destaque para a psicologia, como componente metodológico e ético, oferecendo estratégias de cuidado para a saúde mental dos pesquisadores. O compromisso de Alex de buscar soluções alinhadas aos interesses locais só pode ser sustentado se o sofrimento for transformado em conhecimento científico e reconhecimento dos ricos saberes tradicionais e populares dos atores locais e se o envolvimento subjetivo for reconhecido e cuidado.

A dependência de *commodities*, que marca a realidade econômica brasileira, não pode ou deve ser vista como um destino inevitável ou apenas uma “maldição de recursos”; precisa ser problematizada a partir de emoções e visões políticas capazes de enxergar saídas e avanços na luta contra a violação de direitos em territórios atravessados pelo extrativismo mineral. Exige um olhar implicado na realidade ética que carrega a dor, a escuta, o espanto e a esperança, tornando o cuidado com a saúde mental uma condição essencial para a produção de conhecimento responsável em cenários de desastre.

Espera-se que o presente relato vivencial ou de experiência de pesquisa e extensão possa instigar novos avanços tanto nas reflexões teóricas em gestão social, quanto na construção de estratégias de diálogo e construção coletiva e democrática de saberes com populações atravessadas por desastres e crimes estatal-corporativos, ou mesmo com aquelas comunidades de territórios historicamente vulnerabilizados por “desastres” recorrentes e cotidianos, ligados ao racismo ambiental.

REFERÊNCIAS

Almeida, A. J. de. (2025). **Governança em territórios com mineração**: desafios no contexto da reparação de Brumadinho, Estado de Minas Gerais. 2025. Tese (Doutorado em Administração) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.

Conselho Federal de Psicologia. (2011). **Psicologia de emergências e desastres na América Latina**: promoção de direitos e construção de estratégias de atuação. Brasília, DF: CFP.

Dejours, C., Abdoucheli, E., & Jayet, C. (1994). **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo, SP: Atlas.

Deleuze, G. (2002). *Espinoza: filosofia prática*. São Paulo, SP: Escuta.

Gomes, M. A. **TRAUMA VICÁRIO**: a escuta ativa de pesquisadores multidisciplinares do Programa SABIÁS (PUC Minas) no cenário de pós desastre em Brumadinho/MG.

2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024

McCann, I. L., & Pearlman, L. A. (1990). Vicarious traumatization: A framework for understanding the psychological effects of working with victims. *Journal of Traumatic Stress*, v. 3, n. 1, p. 131-149.

Silva, B. G. de A. da, Silva, I. R. da, & Barufi, L. F. (2023). O papel do psicólogo frente a situações de desastres. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, Salvador, BA, v. 12.

Silva, P. N. de C. da. (2020). **Trauma vicariante, síndrome de burnout e satisfação por compaixão**: um estudo com magistrados. 2020. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.

Teixeira, T. C., Duarte, D. F., & Oliveira, K. M. de. (2021). Brumadinho pós tragédia-crime e as possíveis alternativas econômicas diante da minério dependência em tempos pandêmicos. *In: ENCONTRO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO EMPRESARIAL E MEIO AMBIENTE*, 23., 2021, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo, SP: USP.

Teodósio, A. dos S. de S. (2022). Da apatia à empatia na pesquisa engajada: marcas indelévels da lama que tudo transformou. **Farol** – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, Belo Horizonte, MG, v. 9, n. 25, p. 449-467.

Tominaga, L. K., Santoro, J., & Amaral, R. do (org.). (2015). **Desastres naturais**: conhecer para prevenir. 3. ed. São Paulo, SP: Instituto Geológico.

Torres-Godoy, P. (2010). Trauma vicário e catástrofes: propostas para o autocuidado de equipamentos com dramaterapia. **Gaceta de Psiquiatria Universitária**, Santiago, CL, v. 2, p. 194-204.